



## COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA: ACESSIBILIDADE COMUNICATIVA E RECURSOS QUE POSSIBILITAM A INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA

Marcela de Cássia Guastalli<sup>1</sup>

Suélen Keiko Hara Takahama<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente estudo resultou do trabalho de conclusão do curso de especialização em Atendimento Educacional Especializado, oferecido pela UNESP-Marília. A elaboração do artigo foi feita mediante pesquisa bibliográfica sobre a Tecnologia Assistiva, pesquisa esta em que se utilizaram materiais e documentos abordados no curso. A Tecnologia Assistiva é a possibilidade de utilizar a Comunicação Alternativa como estratégia e oportunidade para o aluno com deficiência que tem dificuldade na comunicação. A Tecnologia Assistiva oferece recursos para a efetivação de trabalhos que possibilitam a interação do professor com o aluno e subsidia ferramentas de aprendizagem e o desenvolvimento do aluno, uma vez que a Comunicação Alternativa abre um leque de oportunidades para a compreensão de determinadas áreas e conceitos para o aluno com deficiência e problemas na fala. O artigo traz algumas considerações sobre a Educação Inclusiva na perspectiva da Política Nacional de Educação Especial e de como os conceitos de deficiência foram mudando ao longo da história à medida que a sociedade evoluiu em suas áreas de conhecimento. Partindo da nova proposta do Atendimento Educacional Especializado para o aluno com deficiência, buscou-se refletir sobre a comunicação como um todo, e de como a comunicação possibilita a interação do ser humano, considerando que a Comunicação Alternativa é fundamental para a inclusão do aluno na escola e na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Comunicação Alternativa; Deficiência; Recursos.*

<sup>1</sup> Pedagogia - Faculdades FACCAT; Psicopedagogia Clínica e Institucional FACCAT/ ENBRAPE; Habilitação em Deficiência Mental - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP. E-mail: marcelaguastalli@gmail.com

<sup>2</sup> Possui graduação em Pedagogia. Especialista em Educação Especial Inclusiva pela PUC-MINAS e estudou Libras na Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS-SP). Atualmente é professora no Instituto Federal de Birigui e Interlocutora de LIBRAS da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. E-mail: suelenhara@terra.com.br

## **Introdução**

Ao longo do tempo, a concepção sobre deficiência vem sendo transformada. À medida que o homem evolui intelectualmente e avança em suas pesquisas, novas concepções surgem sobre o conceito da deficiência.

A mudança desse conceito ocorreu no ambiente educacional e a trajetória da educação está ligada com o desejo de transformação e necessidade da própria sociedade. Nesse contexto de mudanças, a inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais vem sendo um direito assegurado e a instituição escolar começa a se modificar e buscar pressupostos para suprir as necessidades educacionais desses alunos.

Surgem também as possibilidades de recursos, materiais e estratégias que criam melhores condições para o aluno com deficiência e novos pressupostos que auxiliam em suas necessidades educacionais, como o caso dos alunos com problemas na comunicação por meio da fala.

Na Educação Especial a comunicação é vista não somente por meio da fala, mas se utiliza de toda a expressão que o ser humano é capaz de produzir com ou sem interferência do outro, ou seja, podem ser considerados os gestos feitos pelo próprio indivíduo ou a utilização de recursos, como sinais, desenhos, símbolos entre outros, que são realizados com a ajuda de outra pessoa.

O trabalho conta com breves considerações sobre a Educação Inclusiva, a importância da Tecnologia Assistiva e os recursos usados para a Comunicação Alternativa como processo de aprendizagem, desenvolvimento e inclusão do deficiente com necessidades no campo da comunicação.

## **Educação Inclusiva**

Inicialmente, a deficiência era vista como produção mítica e de ameaça social. Somente no século XX tais concepções começaram a se modificar passando a ser compreendidas como um “corpo doente social”, os estados de invalidez e anomalia não podiam mais ser influenciados somente por decorrência de deficiência ou incapacidade, mas fatores ambientais e sociais poderiam influenciar no contexto do deficiente.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, deficiência é a perda ou anormalidade de uma parte do corpo, incluindo as funções mentais, antes conceituadas como incapacidade e agora entendidas como uma dificuldade no desempenho pessoal. O termo incapacidade não é mais utilizado, pois pode ser tomado como uma desqualificação social. Embora o indivíduo deficiente possua capacidades cognitivas e sociais, ele requer atenção a suas especificidades quanto à comunicação, mobilidade de ritmos e estímulos de aprendizagem.

Há uma tendência de mudança no entendimento no que diz respeito ao desenvolvimento das capacidades adaptativas do indivíduo, nos seus aspectos funcionais, físicos, psíquicos, educacionais, sociais, profissionais e ocupacionais, em que é necessária a participação de um conjunto de profissionais, serviços e atenção, com o objetivo do bem-estar da pessoa com deficiência.

Podemos compreender que os conceitos referentes à deficiência estão em processo de mudança e sendo historicamente construídos. Atualmente, leva-se em consideração o meio social, assim como a interação desse indivíduo na sociedade, buscando a “quebra” de preconceitos e estigmas.

Esse movimento que visa a integração do indivíduo na sociedade é chamado de inclusão e “[...] baseia-se na idéia de incluir na sociedade todas as pessoas - inclusive as que apresentam deficiências - essa é que deve se modificar” (MARTINS, 2006, p. 17).

Para que todos os indivíduos sejam incluídos, devem frequentar os mesmos lugares e instituições que qualquer outro indivíduo, de modo que a sociedade acolha essa pessoa como parte integrante e participativa da sociedade e envolva esse indivíduo no meio em que está inserido, sendo necessário que seu processo educativo ocorra no mesmo ambiente dos demais alunos.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional /1996 o indivíduo que possui necessidades especiais tem seu direito assegurado quanto a frequentar a rede regular de ensino e também quanto ao acesso ao atendimento especializado. Diante disso, há toda uma discussão em torno da preocupação em incluir e garantir um atendimento de qualidade que contribua para o desenvolvimento desse aluno, assim como a aprendizagem e a sua participação na sociedade. “O objetivo é de

assegurar que possam ter acesso a todas as gamas de oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela escola” (MARTINS, 2006, p. 17).

Partindo desse pressuposto, pensa-se na necessidade de um profissional especializado que contribua significativamente no desempenho social e pessoal desse indivíduo.

Atualmente, muitos professores não estão preparados para lidar com um aluno especial. Não há uma formação de professores que atenda à demanda de alunos com necessidades especiais. Nesses casos, os professores podem apresentar insegurança e despreparo para lidar com os alunos e é importante:

que o profissional de ensino, ao atuar como o aluno com necessidade educativa especial, evite focalizar tanto seu olhar nos aspectos em que esse apresenta diferenças, rotulando-os e limitando as suas oportunidades de ação. Reconhece-se, hoje, que a rotulação causa impactos, diminuindo as expectativas frente aos alunos e limitando as suas oportunidades de aprendizagem. (AINSCOW, 2000 apud MARTINS, 2006, p. 19).

Mesmo com as dificuldades existentes na escola em torno da educação de alunos com necessidades especiais, a sala regular é um meio favorável à socialização desse aluno e também de todo o ambiente escolar que convive e compartilha experiências com essas crianças.

A escola inclusiva proporciona aos alunos com deficiência o desenvolvimento cognitivo, motor, acadêmico, social, desenvolvimento oral, criando condições para serem adultos ativos no meio em que vivem.

Cria também oportunidades para os alunos que convivem com os alunos com necessidades especiais terem uma visão mais realista das diferenças na sociedade.

Para os professores, essa inserção e inclusão na escola são positivas, pois proporcionam a busca de novas atitudes frente ao diferente, novos conhecimentos e a atuação em sua prática pedagógica. Dessa forma, o professor deve buscar meios que ele precisa para atender a esses alunos com necessidades especiais. Os professores devem realizar um trabalho de maneira adequada, com estratégias de ensino, para que seu aluno se desenvolva e aprenda.

Estratégias de ensino acontecem em qualquer ambiente educacional e com os alunos com deficiência essas estratégias se tornam ainda mais importantes, uma vez que esses alunos possuem limitações e tanto o ambiente, os recursos como as estratégias de ensino que os professores irão utilizar farão diferença em situações de ensino e aprendizagem, levando-se em consideração as condições individuais de cada aluno.

Nesse sentido, o professor deve ser um profissional preparado, ou seja, aquele que tem conhecimento e comprometimento com seu trabalho e que cria estratégias e ações que viabilizam o aprendizado dos alunos. Os alunos com deficiência necessitam de aulas mais criativas e com qualidade pedagógica, de forma que possam manter mais atenção, concentração, interesse e participação em sala de aula.

A utilização de estratégias específicas para cada aluno pode constituir fator primordial para alcançar as metas propostas, propiciando-lhes a capacidade de criar soluções de problemas do seu cotidiano.

Como foi visto, a Educação Inclusiva surge como um movimento cultural, político e social, baseado no direito de igualdade de todos alunos aprenderem e participarem da escola independente de suas diferenças.

Dessa forma, a escola deve-se adaptar às necessidades educacionais dos seus alunos, buscando criar um novo olhar para o currículo, o que implica em uma mudança estrutural e cultural da escola.

Baseando-se nessa compreensão de inclusão, como acesso à educação, participação e oportunização da escola, a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva estabelece as diretrizes gerais da Educação Especial e cria o Atendimento Educacional Especializado (AEE), que oferece aos alunos com deficiência atendimento educacional especializado no contraturno do ensino regular, complementando a formação desse aluno. “O atendimento educacional especializado (AEE) é um serviço da educação especial que identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade, que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas capacidades específicas” (BRASIL, 2008).

Dentro desse contexto, vários desafios se referem ao atendimento das necessidades educacionais especiais, mas deve-se atentar nesse caso à comunicação e de

como os professores e a escola de modo geral podem estabelecer comunicação com alunos não falantes ou com “problemas na fala”, alunos estes que têm um déficit motor, mas capacidade para aprender e condições de desenvolvimento.

### **Tecnologia Assistiva**

Primeiramente, compreende-se a Tecnologia Assistiva e as suas possibilidades de recursos e estratégias que viabilizam a pessoa com deficiência de participar de diversas atividades comuns ao dia a dia. A Tecnologia Assistiva (TA) é um termo usado para identificar todos os recursos e serviços que contribuem para proporcionar e ampliar as possibilidades de pessoas com deficiência de forma funcional, para promover uma vida mais independente.

A Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, com incapacidades ou mobilidade reduzida, visando a sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social. (CORDE – Comitê de Ajudas Técnicas – ATA VII) (BRASIL, 2007).

Os recursos são elementos construídos com materiais do cotidiano adaptados, mas também há o uso de recursos desenvolvidos por meio da tecnologia. Eles são classificados de acordo com os objetivos funcionais aos quais se destinam e podem ser:

- Produtos que auxiliam na vida diária e prática;
- Comunicação alternativa e aumentativa;
- Recursos de acessibilidade ao computador;
- Sistemas de controle de ambiente;
- Projetos arquitetônicos para acessibilidade;
- Órteses e próteses;
- Adequação postural;
- Auxílio de mobilidade;
- Auxílio para cegos ou pessoas com visão subnormal;
- Auxílio para pessoas com surdez ou déficit auditivo;
- Adaptações em veículos, entre outros.

Esses elementos são projetados para melhorar a funcionalidade da pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida, favorecendo a autonomia pessoal, total ou assistida (art. 61 do decreto nº 5.296/04).

Utilizar a Tecnologia Assistiva na escola é buscar novas alternativas, criando estratégias para que o aluno possa interagir, criar novas alternativas de comunicação, de escrita, leitura, mobilidade. É envolver o aluno ativamente, desafiando-o a experimentar e conhecer, permitindo que construa individual e coletivamente novos conhecimentos (BRASIL, 2007).

Na perspectiva da Educação Inclusiva, a Tecnologia Assistiva favorece ao aluno com deficiência a participação em diversas atividades do cotidiano escolar, o que possibilita a sua real inclusão na escola.

### **Acessibilidade Comunicativa**

Pensar em comunicação remete ao ato da comunicação por meio da fala. Por meio das palavras é possível se expressar, manifestar sensações e sentimentos. Entretanto, a comunicação ocorre de uma forma mais abrangente, pois o ser humano possui recursos verbais e não verbais, ou seja, ao falar, são feitos gestos que completam a fala ou são somente feitos gestos. Isso faz com que haja entendimento na relação interpessoal. “Assim, fala, escrita, língua de sinais, gestos, expressões faciais podem ser diferentes maneiras de o ser humano estabelecer um processo de comunicação” (DELIBERATO; MANZINI, 2000, p. 36).

Dessa maneira, percebe-se que a comunicação não somente é marcada pela fala, mas é complementada com gestos e elementos comunicativos que permitem a compreensão entre os interlocutores, mais do que isso, é o ato de compreender o que lhe é falado e fazer entender o que se quer dizer.

A partir do reconhecimento das diferenças individuais, a aceitação de novas formas de comunicação é acessibilizar a interação de muitos indivíduos que não podem se comunicar de forma convencional, é criar possibilidades de corresponder-se, de trocar informações e de fazer entender-se na relação social com as pessoas e com o mundo a sua volta.

Ajudas técnicas e a Tecnologia Assistiva são consideradas recursos e procedimentos que favorecem o aluno no processo de inclusão e tais recursos têm oportunizado muitas pessoas com deficiência de demonstrar suas capacidades e potencialidades.

Logo, falar da inclusão no contexto da comunicação requer não só discutir procedimentos no ensino regular, mas discutir e inserir os recursos e procedimentos de comunicação suplementar e / ou alternativa nos diferentes ambientes para favorecer a inclusão dos alunos deficientes nas atividades pedagógicas específicas e propiciar a inclusão escolar destes mesmos alunos no contexto do ensino regular. (DELIBERATO, 2007, p. 76).

É importante que o professor identifique possibilidades para a comunicação desses alunos. Em muitos casos os alunos deficientes não falantes não participam de determinadas atividades pedagógicas. Partindo da ideia de que o indivíduo aprende na sua relação com o mundo e a cultura, a falta de recursos de comunicação e a interação que o aluno deixa de ter desfavorecem sua aprendizagem, pois o aluno não vivencia, não experimenta, prejudicando, assim, seu desenvolvimento.

Entende-se que as pessoas com deficiência que possuem dificuldades na comunicação muitas vezes têm dificuldades na realização de atividades e estão atrasadas em relação aos conteúdos ensinados, pois na medida em que o indivíduo deixa de comunicar-se, deixa também de estabelecer relações com o outro e de vivenciar as experiências que se dão nessas interações humanas.

O diálogo e as relações que aprendemos a fazer com o mundo têm por consequência a aprendizagem por meio da cultura humana que nos é transmitida historicamente em que a comunicação tem influente participação. Compreende-se que a língua ultrapassa os sons e a fala, os gestos, as expressões, as figuras e os símbolos tornam a língua a linguagem que faz com que essas relações tão humanas estabeleçam as relações para o ensino e aprendizagem.

Desse modo, os gestos, as expressões, os movimentos corporais são habilidades comunicativas que podem expressar significados. A observação da rotina dos alunos na escola ou em casa favorece tal entendimento, e é por meio da rotina que se pode incluir e ampliar outras formas de interação comunicativa. “Nesse contexto, é de suma importância que os profissionais da Saúde e da educação possam identificar as

diferentes possibilidades de comunicação já utilizadas pelos alunos não-falantes em ambientes naturais, como o caso das instituições familiares e escolares” (DELIBERATO, 2009. p. 27).

Observando as possibilidades já existentes de comunicação, é possível inserir recursos de comunicação que sejam mais fácil para a compreensão do aluno, visto que dessa forma terá maior funcionalidade, partindo da realidade da criança e dos seus conhecimentos prévios.

A família tem um papel fundamental. É na relação familiar que a comunicação pode ser estabelecida de diferentes maneiras e é dentro desse ambiente natural que a comunicação se torna funcional, pois parte da necessidade de comunicação para atender aos desejos.

Todo trabalho no que se diz respeito à educação deve ter uma intenção, um objetivo. Desde o começo o educador deve saber aonde se quer chegar e, após a observação da realidade do aluno, deve atentar a algumas maneiras de comunicação. O professor, nesse caso, irá escolher uma ou mais formas para que ocorra a aprendizagem e o desenvolvimento da criança.

9

A maneira que o educador irá buscar, o tipo de recurso e estratégia depende do tipo de dificuldade de linguagem que o aluno apresenta.

Na Educação Especial, o termo Comunicação Alternativa ou suplementar vem sendo utilizada para designar uma variedade de recursos, procedimentos técnicos e metodológicos às pessoas que tem a comunicação prejudicada. Esses recursos e procedimentos são um meio eficaz para garantir a interação entre professor e aluno, e o tipo de recurso a ser utilizado deve ser avaliado pelo professor de acordo com a necessidade educacional do aluno.

### **Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA): recursos**

Na Educação Especial é muito comum encontrar um grande número de pessoas com dificuldades na comunicação. A Comunicação Alternativa surge com a proposta de compensar a incapacidade do sujeito com dificuldades na comunicação. El apode ser

facilitada por meio de recursos da Comunicação Alternativa. Há recursos que não necessitam de auxílio externo, como por exemplo, os próprios gestos das pessoas e há os recursos que necessitam do auxílio externo, que são os símbolos gráficos, letras e palavras, figuras, objetos reais ou miniaturas, entre outros.

Dessa forma, pode-se dizer que a Comunicação Aumentativa e Alternativa é organizada de forma personalizada, chamada de multimodal, justamente por valorizar e utilizar todas as maneiras de comunicação.

Na Comunicação Aumentativa e Alternativa há uma variedade de recursos, porém cada necessidade é única e o professor precisa experimentar e ir se adequando aos recursos para que a realização da atividade seja eficaz. Segundo alguns exemplos da SEESP/MEC (BRASIL, 2010, p. 37), os recursos de baixa tecnologia são:

- Objetos reais – o trabalho deve ser realizado utilizando alguns objetos do cotidiano, como alimentos, roupas, etc.;
- Miniaturas – alguns símbolos são difíceis de o aluno reconhecer, então são utilizados alguns objetos em forma de miniatura, os cegos ou alunos com baixa visão também podem se beneficiar desse recurso, cujos relevos possibilitam o seu entendimento. Essas miniaturas podem ser representadas por pranchas de comunicação;
- Objetos parciais – quando os objetos a serem representados são muito grandes, utiliza-se uma parte para representá-los;
- Símbolos gráficos – há uma variedade de símbolos criados para facilitar a comunicação, com esses símbolos são criados os cartões e pranchas de comunicação.

Tais símbolos são de quatro tipos:

- Pictográficos – desenhos parecidos com aquilo que desejam simbolizar;
- Arbitrário – desenhos que não têm relação pictográfica entre a forma e o desenho;
- Idiográficos – são desenhos que simbolizam, ou a associação gráfica entre símbolo e o conceito do que ele representa;
- Compostos – vários símbolos agrupados para formar um significado.

Alguns símbolos gráficos são conhecidos internacionalmente e utilizados na Comunicação Aumentativa e Alternativa em pranchas e cartões de comunicação.

Podemos citar o *Blissymbolics*, o *Pictogram Ideogram Communication Symbols (PIC)* e o *Picture Communication Symbols (PCS)*.

No Brasil os símbolos são característicos e próprios da cultura brasileira, a utilização dos símbolos é um sistema aberto que pode ser adaptado de acordo com as questões regionais para facilitar a interpretação e o entendimento de quem trabalha com eles.

Os símbolos gráficos são colocados na prancha de comunicação que representa determinadas mensagens que se quer transmitir, ou seja, podem ser utilizados vários símbolos de uma vez.

Geralmente as pranchas são feitas com materiais acessíveis, como isopor, cartolina, madeira ou até mesmo uma pasta com sacos plásticos. Trata-se de uma maneira simples de mostrar símbolos em um espaço compacto (BRASIL, 2010, p. 64).

A seguir, alguns exemplos de figuras utilizadas nas pranchas de comunicação.

**Figura 1 – Figuras utilizadas nas pranchas de comunicação**



Fonte: Paura, Manzini e Deliberato (2007).

Podem ser elaborados diversos materiais utilizando as imagens/símbolos que geralmente são feitos com baixa tecnologia, com materiais disponíveis na escola. É possível montar uma mesa com símbolos, avental, pastas de comunicação, álbum de fotografia, agentes e calendários, jogos, livros, etc.

Há também recursos de alta tecnologia utilizados na Comunicação Alternativa, como vocalizadores, computadores e outros *softwares*.

Dentre as variadas possibilidades de usar os recursos na Comunicação Alternativa, algumas habilidades devem ser consideradas na escolha do recurso que será trabalhado, como as habilidades físicas, cognitivas, local e a atividade que se quer trabalhar.

### **Procedimentos Metodológicos**

Esse artigo foi produzido mediante pesquisa bibliográfica, concomitante com a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, documentos do MEC e documentos oficiais do Atendimento Educacional Especializado (2010) sobre o uso da Tecnologia Assistiva e da Comunicação Alternativa.

### **Resultados**

Como resultado, o artigo buscou discutir dentro do Atendimento Educacional Especializado formas de trabalhar as questões práticas do uso da Comunicação Alternativa e os recursos que possibilitam a interação e a aprendizagem dos alunos com dificuldades na comunicação.

O objetivo do Atendimento Educacional Especializado é fazer com que o aluno tenha um atendimento especializado, capaz de melhorar sua comunicação, e é na Tecnologia Assistiva que se encontra a possibilidade de auxiliá-lo na inclusão escolar.

O professor precisa adotar uma postura quanto à importância do seu trabalho em auxiliar o aluno de maneira que favoreça a comunicação funcional que possibilite a sua aprendizagem, mantendo a interação com o professor da sala comum, trabalhando em conjunto, buscando a qualidade do ensino.

## Considerações Finais

A reflexão sobre a comunicação possibilitou pensar que o ser humano, embora possa possuir dificuldades, também possui a possibilidade de adaptação para que possa interagir, aprender, superar e dialogar com o outro de diversas formas.

Na Educação Especial, o atendimento Educacional Especializado e a acessibilidade comunicativa mediante a Comunicação Alternativa favorecem o aluno em seu aprendizado, mais do que isso, possibilitam sua interação e participação na sociedade.

Muitos recursos que fazem parte da Comunicação Alternativa podem ser criados e adaptados de acordo com a necessidade do aluno, constatou-se desse modo que determinados recursos podem ser instrumentos facilitadores de mediação, construção de gestos, expressões faciais e formação de palavras, ou seja, apresentam a proposta da própria construção da linguagem.

Dessa maneira, o educador deve estar atento ao modo de expressar do seu aluno, com a convicção de que os recursos da Comunicação Alternativa podem explorar as diferentes formas de transmitir a sua compreensão de mundo e a sua própria linguagem interna.

## Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. SEED/MEC. *Referenciais de qualidade para a educação*. Brasília, 2010.
- BRASIL. SEESP/MEC. *Portal de Ajudas Técnicas*. 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/index.php?option=content&task=view&id=64&Itemid=193>>. Acesso em: 10 nov. 2011.
- DELIBERATO, D. *Comunicação alternativa e aumentativa: delineamento inicial para a implementação do Picture Communication System (P.C.S.)*. Boletim do Centro de Orientação Educacional (COE), Marília, v. 2, p. 29-39, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Acessibilidade comunicativa no contexto acadêmico*. In: MANZINI, E. J. (Org.). *Inclusão do aluno com deficiência na escola: os desafios continuam*. Marília: ABPEE/FAPESP, 2007.
- DELIBERATO, D.; MANZINI, E. J. *Avaliação da aprendizagem de símbolos de tabuleiro de comunicação alternativa*. In: MANZINI, E. J. (Org.). *Educação Especial: temas atuais*. Marília: Unesp- Marília - Publicações, 2000. p. 36.
- MARTINS, L. A. R. *Formação de professores numa perspectiva inclusiva: algumas constatações*. In: MANZINI, E. J. (Org.). *Inclusão e acessibilidade*. Marília: ABPEE, 2006.
- PAURA, A. C.; MANZINI, E. J.; DELIBERATO, D. *Percepção de usuário de comunicação alternativa e/ou suplementar com relação ao recurso de comunicação*. Londrina, 2007. Disponível em: <<http://www.psiquiatriainfantil.com.br/congressos/uel2007/085.htm>>. Acesso em: 28 nov. 2011.